



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADE – DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

**JANAINA SILVA DAS FLORES**

**A LITERATURA INFANTOJUVENIL E A FÁBULA LOBATIANA**

GUARABIRA- PB

2017

JANAINA SILVA DAS FLORES

## **A LITERATURA INFANTOJUVENIL E A FÁBULA LOBATIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Rosângela Neres Araújo da Silva

GUARABIRA- PB

2017

F634I Flores, Janaina Silva Das.  
A literatura infantojuvenil [manuscrito] : e a fábula lobatiana  
/ Janaina Silva Das Flores. - 2017  
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva,  
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Literatura Infantojuvenil. 2. Fábula Lobatiana. 3.  
Aprendizagem Social.

21. ed. CDD 028.5


JANAINA SILVA DAS FLORES

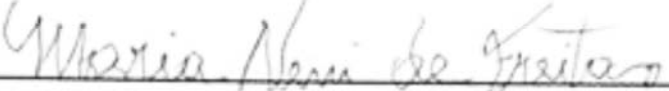
**A LITERATURA INFANTOJUVENIL E A FÁBULA LOBATIANA**

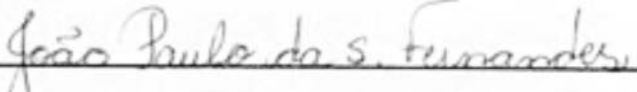
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de licenciada em Letras.

Aprovado em 1º de dezembro de 2017

**Banca Examinadora**

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Rosângela Neres Araujo da Silva - UEPB  
Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Neni de Freitas - UEPB  
Examinadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. João Paulo Fernandes - UEPB  
Examinador

Para minhas filhas, Janyelle e Isabelly, que são minhas joias preciosas, que me dão suporte em crescer e ter uma formação produtiva, para nosso futuro. A vocês, minhas filhas, dedico este trabalho, com muito carinho e amor.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus poderoso, que me protege a cada dia, me dando forças para superar todas as dificuldades, e sempre me iluminando a cada momento de minha vida.

À minha pequena princesa Janyelle, que representa tudo na minha vida, minha fortaleza, minha razão de viver. Agradeço também a Deus por mais um presente, a minha pequena Isabelly, que nascerá em breve, mas que já traz muitas alegrias para nossos corações.

Aos meus familiares que sempre me apoiaram e contribuíram, de forma direta ou indireta, para a realização deste trabalho.

Aos meus pais, Reginaldo e Anunciada, que mesmo não compreendendo todas as minhas decisões, me deram o dom da vida e me fizeram ser uma pessoa honesta.

Ao meu irmão Joalisson e minha cunhada Fran, que me ajudaram nas horas em que mais precisei, sempre me dando um ombro amigo, acolhendo a minha filha e a mim.

Ao meu esposo Junior, por sempre estar comigo em todos os momentos, me incentivando a cada instante e acreditando em meus sonhos, me fazendo muito feliz, e ajudando a superar os problemas do dia a dia.

Aos meus sogros, Joane e Irenaldo, por me ajudarem a superar as dificuldades enfrentadas no decorrer destes últimos períodos de conclusão de curso. Agradeço por me acolherem em sua casa, com o coração tão puro e tornando-se mais do que sogros.

À minha cunhada e comadre Jackeline e meu compadre Gilvan, por terem me apoiado e se disponibilizado a ficar com a minha pequena, quando eu estava em aula na UEPB.

Aos meus sobrinhos lindos, Gustavo, Julia e Jamile, que Deus me presenteou ao longo desta trajetória, pelo carinho com minha filha.

À professora e orientadora Rosângela Neres, por toda dedicação em acreditar no meu potencial, por todo o seu profissionalismo. Receba sempre o meu eterno agradecimento.

À minha professora Maria Aparecida, por todo apoio, compreensão e amizade conquistada ao longo do curso. Aos meus professores do Curso de Licenciatura Plena em Letras, que contribuíram para a minha formação acadêmica: Fernanda Barbosa, Iara Martins, Maria Neni, Acauam Oliveira, Izandra Falcão, Rafael Braz, Suely Costa, Adriana Sales, Eduardo Valones, dentre outros, o meu muito obrigado.

Aos meus amigos e companheiros de classe, Nubia Correia, Marielly, Edilene, Luiz Carlos, Ramon, Laís, Renale, Claudeilza, Jeise, Isabel Cristina, Lucineide, Fran, Jandeilson, Natalia Nogueira. A eles, meu obrigado, por cada momento, pelas diversas alegrias e pela amizade de todos; vocês são especiais e, mesmo com a distância, ficarão sempre em minha vida.

Aos meus amigos de viagem, que no decorrer de quatro anos de curso, me ensinaram muita coisa, passando por muitas provas, mas estivermos sempre juntos: Adilson, Roney, Neto, Fatima, Daniel, Jean, Luciana, Suzan, Naty, Jessica, Leticia, Gaby, Sandy, Alan, Joanderson; e aos novatos que mesmo diante do

pouco tempo nossa união é muito produtiva: Laíza, Dany, Patrick, Jordânia, Felipe, Sabrina. A todos vocês, meu muito obrigado, por me tirarem um sorriso quando eu mais precisava, por me darem uma palavra amiga quando achei que não ia mas conseguir. Nossa “turma do Busão”, sempre ficará marcada na minha lembrança.

## A LITERATURA INFANTOJUVENIL E A FÁBULA LOBATIANA

FLORES, Janaína Silva das<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade analisar a aprendizagem social que decorre da leitura da fábula “O velho, o menino e a mulinha”, de Monteiro Lobato. Verificamos como os valores e preceitos morais levantados pela fábula proporcionam a abertura do diálogo e da conscientização do leitor, sobre a sociedade em que vive. Para tanto, partimos do percurso de surgimento da literatura infantojuvenil e suas principais características; mostramos o contexto literário de Monteiro Lobato e a constituição da fábula moderna e analisamos a aprendizagem de valor social decorrente da fábula supracitada. Nossa pesquisa está fundamentada em estudiosos como Cademartori (2006), Coelho (2000), Cunha (2003), Oliveira (2011), Zilberman (2014), dentre outros. Os resultados apontam para o diálogo levantado pela fábula lobatiana, no tocante às questões sociais, os valores e julgamentos morais e a importância de seguirmos a nossa própria razão e consciência.

**Palavras-chave:** Literatura infantojuvenil. Fábula lobatiana. Aprendizagem social.

### 1 INTRODUÇÃO

A palavra literatura tem origem no Latim, a partir da palavra *littera*, e significa “a arte de escrever”. A Literatura Infantil e Juvenil está relacionada a arte de escrever para um público em especial. Desperta um mundo de diversos sentimentos atribuídos às crianças e jovens, a valorização criatividade, a ludicidade e a cognição. Segundo Coelho (2000), essa literatura está relacionada ao processo sociocultural que tem como propósito contribuir para as experiências dos pequenos leitores.

Através da leitura da fábula “O velho, o menino e a mulinha”, do escritor Monteiro Lobato, o objetivo deste artigo é mostrar a aprendizagem social que decorre da moral discutida por Dona Benta e as crianças do Sítio do Picapau

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosângela Neres Araújo da Silva. E-mail: janaynaflores23@gmail.com



Amarelo<sup>2</sup>. A fábula em questão aponta valores observáveis em uma sociedade, o quanto a desvalorização humana é prejudicial e como os papéis sociais se modificam, de acordo com o espaço que assumimos. Mostra também que, em nossa sociedade, é crescente a falta de respeito, de solidariedade com o próximo e como querer agradar a todos pode ser prejudicial.

A escolha da fábula se deu sob necessidade de formar o leitor social e culturalmente a partir da fase do mito, que de acordo com Cunha (2003) agrupa crianças que estão na faixa etária entre 03 e 08 anos. Esse gênero literário contribui para a conscientização da criança porque abre um leque de informações muito diversificado e significativo, na busca de valores e aprendizagens sociais. Segundo Cademartori (2006), a literatura é reflexiva e analítica, no sentido de levar as crianças a uma consciência sobre o mundo.

Nessa perspectiva, optamos pela fábula lobatiana principalmente pelo diálogo que ela promove entre o texto literário, seus personagens do Sítio e a aprendizagem sociocultural, em interação com o ambiente imaginário de nossas crianças.

A literatura infantil se apresenta como uma fonte muito rica no processo cognitivo de nossas crianças e jovens, pois desenvolve contextos que elas reconhecem e nos quais estão inseridas. Dessa forma, auxilia na compreensão de situações relacionadas ao próprio cotidiano e às experiências que vivenciam. A fábula, pelo emprego da moral, é vista como um texto capaz de produzir ensinamentos e repassar valores, bem como fornecer aprendizagens e promover discussões, o que leva ao entendimento das realidades.

Para fundamentar nossa discussão, utilizamos os estudos de Cademartori (2006), Coelho (2000), Cunha (2003), Góes (1991), Oliveira (2011), Souza (2004) e Zilberman (2014). A versão da fábula “O velho, o menino e a mulinha” foi lançada em 1923, numa coletânea de adaptações de fábulas de Esopo e La Fontaine, que Monteiro Lobato intitulou “Fábulas”. Esse volume era a ampliação de “Fábulas de Narizinho”, que Lobato lançou um ano antes, com o objetivo de tornar as histórias em que os animais falavam, tinham características humanas e

---

<sup>2</sup> O Sítio do Picapau Amarelo é uma série de 23 livros infantis publicados entre 1920 e 1947. Seus personagens diferentes tornaram Monteiro Lobato um importante escritor na construção de tipos nacionais.

enfrentavam perigos, confrontos e desafios, mais próximas das crianças brasileiras.

Assim, este artigo se divide em quatro seções: na primeira, fazemos um percurso da literatura infantil e juvenil, abordando seu surgimento como relato escrito, sua importância para o público a que se destina, sua configuração através dos séculos até a obra de Monteiro Lobato. No capítulo seguinte, traçamos as características relacionadas à fábula, voltando nossa atenção para a fábula lobatiana. Na seção de análise, apontamos algumas características importantes no texto “O velho, o menino e a mulinha”, mostrando as aprendizagens de valores sociais que a fábula pode desenvolver nas crianças. Por fim, tecemos as considerações finais e apresentamos as referências bibliográficas utilizadas no trabalho.

O resultado de nossa análise mostra que as histórias que vivermos com nossos familiares e também no âmbito escolar são parte do cotidiano e conteúdo dos textos que lemos, principalmente em nossa infância, ficando gravadas no imaginário e sendo reativadas sempre que precisamos ressignificar nossa experiência de leitura.

## **2 LITERATURA INFANTOJUVENIL: CONCEITOS E CONTEXTOS**

A literatura infantil tem como função a formação leitora do público mirim. É através das histórias infantis que nossas crianças desenvolvem a afetividade e os sentidos, e se tornam leitores críticos e com mais habilidade de compreender o significado do texto.

Na época de seu surgimento como modalidade escrita, mais especificamente no século XVII, a criança era vista como um adulto em miniatura, os textos destinados à infância eram os mesmos destinados aos adultos. Tendo em vista a coleta e adaptação dos contos populares, as coletâneas promoveram o contato do público infantil com histórias apropriadas para ele e que, além de desenvolverem o gosto pela leitura, ainda mostravam os aspectos sociais e culturais do contexto vigente. Essas histórias também auxiliavam na construção

do imaginário infantil e permitiam às crianças uma aprendizagem de valores e conceitos que ajudariam no seu desenvolvimento. (CADEMARTORI, 2006)

Segundo Cademartori, (2006, p.34), é dado ao francês Charles Perrault o título de iniciador do trabalho de adaptação dos textos do final da Idade Média para as coletâneas escritas. Seu papel pois era o de um adaptador, permitindo às crianças o acesso às histórias destinadas a sua faixa etária e contexto social. Essas coletâneas tornaram-se conhecidas como os “contos de fadas” e são até hoje lidas e apreciadas pelo público infantojuvenil e também adulto. A adaptação permitiu que os contos apresentassem histórias menos violentas e mais instrutivas, que servissem de ensinamento para as crianças.

No século XIX, na Alemanha, outra coletânea de contos foi realizada pelos conhecidos Irmãos Grimm, e a essa coletânea se seguiram várias outras, de autores diferentes e de em vários lugares do mundo, a exemplo de Hans Christian Andersen (na Dinamarca), Collodi (na Itália), Lewis Carroll (na Inglaterra) e James Barrie (na Escócia). Esses autores escreveram histórias que norteiam o imaginário das crianças até hoje, como: “João e Maria” e “Rapunzel”, “O patinho feio”, “Pinóquio”, “Alice no País das Maravilhas” e “Peter Pan”.

Histórias mais centradas na interação com o grupo social e que desenvolveram a percepção do público infantil podem ser observadas no contexto literário brasileiro, que esteve durante muitos anos sob a influência de Monteiro Lobato. De acordo com Cademartori (2006, p. 43), a obra infantil lobatiana surge com os fervores da chegada do Modernismo no Brasil e modifica a visão que antes se tinha do ser criança. De uma forma ou de outra, a produção literária do autor se coloca “contraposta às características da vida cultural brasileira até determinado momento de nossa história”.

Ainda segundo Cademartori (2006, p. 48): “Rompendo com os padrões pré-fixados do gênero, Lobato estabeleceu uma ligação entre a literatura infantil e as questões sociais”. Isso fez com que o autor construísse personagens que questionavam os valores e costumes sociais, apresentando “inquietação perante a situação nacional nos seus diferentes âmbitos” (CADEMARTORI, 2006, p. 47). O olhar crítico do escritor dá voz às personagens e assim vemos uma boneca que fala, uma espiga de milho que se humaniza e é um grande escritor e leitor, animais que falam e possuem sentimento. Cada um desses personagens

representa um tipo brasileiro e em suas vozes colocam as impressões socioculturais que os norteiam.

Vê-se portanto que o desafio dos personagens de Monteiro Lobato é o conhecimento e isso é muito importante para nossa abordagem da fábula moderna. A moral da fábula clássica, estrangeira, dos tempos importantes de fabulistas renomados como Esopo e Jean de La Fontaine, passa agora a ser questionada e valorizada como reflexão também individual, não absoluta. Antes de qualquer coisa, a proposta é a aprendizagem, o diálogo sobre os valores humanos e aprender conceitos através das conversas e das perguntas e respostas que são fornecidas às crianças. Esse é o grande sucesso do Sítio do Picapau Amarelo, publicado entre os anos de 1920 e 1947: a liberdade de questionar, em busca da aprendizagem sobre as realidades.

A busca pelo lugar ideológico do leitor e sua formação promoveu o surgimento de muitas obras para a infância, pós-Lobato e com uma função diferente da sua. As obras infantis da contemporaneidade remodelam a proposta libertária, promovendo o desenvolvimento da conscientização. Muito menos política que a obra lobatiana e mais voltada para o desafio de abarcar toda a infância, não somente a letrada, os livros iniciam o processo de formação do leitor bem antes dele saber decodificar. Segundo Cademartori (2006, p. 52), os livros vão da linguagem visual para a composição poética, desenvolvendo no leitor, através de sua vivência com a literatura, todo um processo de reconhecimento da arte literária.

Dessa forma, autores como Eva Furnari, Ângela Lago, Mary França, Ziraldo, Joel Rufino, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Ruth Rocha, Lygia Bojunga Nunes, Sérgio Caparelli, Pedro Bandeira e Marina Colasanti incentivam “a reflexão crítica que examina novas ordenações e mudanças de funcionamento na estrutura social. A fantasia desmistifica o real, propondo novas ordens” (CADEMARTORI, 2006, p. 65).

Na seção a seguir, abordamos os caminhos literários de Monteiro Lobato e as configurações da fábula moderna.

### 3 MONTEIRO LOBATO E A FÁBULA MODERNA

José Bento Monteiro Lobato, advogado, promotor público, escritor e jornalista, nasceu em 18 de abril de 1882, na cidade de São Paulo, Taubaté. Filho da senhora Olímpia Monteiro Lobato e do senhor José Bento Marcondes Lobato, Monteiro Lobato, como ficou conhecido, foi alfabetizado pela mãe, e logo veio a ficar órfão de seus pais, vindo morar com seu avô, o Visconde de Tremembé, com quem passou um bom tempo de sua vida.

Devido toda a vivência adquirida com seu avô, surgiu o gosto pela leitura, tendo como base a biblioteca que havia em sua residência, onde havia diversos livros e diferentes histórias. No início de sua adolescência, foi estudar em uma universidade de Direito, em São Paulo, onde se formou em 1904. Depois de sua formação foi servidor público, assumindo um cargo na cidade de Areias, no vale do Parnaíba, no ano de 1907.

Monteiro Lobato casou-se com a jovem, Maria Pureza da Natividade, em 28 de março de 1908, com quem teve quatro filhos. A partir do nascimento de seus filhos, Lobato percebeu o quanto seu gosto pela leitura, despertado na adolescência seria útil, pois percebendo a carência de boas histórias nacionais para a infância, dedicou-se à literatura infantil.

No ano de 1918, surgiu a publicação de “Urupês”, que mostrava a imagem do caipira brasileiro, diante da condição precária do país. Por sua pobreza e ignorância, o personagem se tornou um símbolo nacionalista, corrente da qual Lobato era totalmente contra.

Em 1920, o “Sítio do Pica Pau Amarelo” trouxe muito destaque ao autor e o consagrou como um importante escritor da Literatura Infantojuvenil. Seus personagens, a exemplo de Emília, Tia Anastácia, Dona Benta, Pedrinho, Narizinho, Rabicó, Tio Barnabé entre outros, tornaram-se os representantes das histórias infantis, mostrando um mundo entre a realidade e a fantasia que se tornou inesquecível.

A consciência social de Lobato levou-o a ter um cuidado especial com o leitor. A convicção a respeito da importância da literatura no processo social, a visão do livro como um meio eficaz de modificar a percepção, confere ao destinatário um lugar particularmente importante em seu mundo ficcional. (CADEMARTORI, 2006, p.50)

Pela citação acima, percebemos a preocupação de Monteiro Lobato com os aspectos sociais e como sua obra reflete o diálogo necessário com essas bases. A iniciativa do autor, em relação a literatura infantil, é produzir textos que coloquem a criança diante da cultura nacional. É especialmente por esse motivo que a obra de Lobato é reconhecida como o marco dessa literatura no Brasil, como afirma Souza:

A partir das obras de Monteiro Lobato, ocorre, portanto, uma verdadeira revolução na literatura infantil brasileira, uma vez que fora encontrada uma estética literária que agradava a criança. Além disso, há uma valorização do conhecimento como um todo, mas o objetivo primeiro é divertir. (SOUZA, 2004, p.141)

Mesmo voltada para o questionamento social, a obra lobatiana fez com que o universo das crianças promovesse o diálogo, fosse lúdica e pudesse divertir o público. A criança ganha voz e se identifica com as histórias, colocando suas impressões sobre o texto e o que ele quer mostrar. Nesse contexto, as fábulas têm uma representatividade muito importante, pois Lobato sempre desejou questionar os valores morais nelas contidos.

### **3.1 A fábula moderna**

De acordo com Oliveira (2011, p.13), assim como aconteceu com os contos de fadas, as fábulas obtiveram várias versões e durante algum tempo tornou-se difícil precisar a autoria de cada texto.

As fábulas, no percurso de sua história, tiveram vários autores que, assim como aconteceu com os contos, adaptaram os textos populares da Antiguidade. Esopo é um dos mais conhecidos fabulistas, considerado pela elegância de sua escrita fabular. Fedro, fabulista romano do século I (d.C.), reescreveu os textos de Esopo, mas foi Jean de La Fontaine quem tornou conhecidas as fábulas da Antiguidade, apresentando-as de modo diferente de Esopo, pois usava versos ao invés da narrativa usual nesses textos.

O conceito de fábula a define como ato de fala, conversa, narração alegórica, em prosa ou verso, que encerra uma lição de moral, em que os

personagens são seres animados ou inanimados. [...] E como ato de fala, narrar na fábula exerce vários eventos discursivos: denunciar, aconselhar, enxotar, censurar, advertir, induzir, dentre outros. (OLIVEIRA, 2011, p.35)

As temáticas contidas nas fábulas variavam, mas estavam quase sempre ligadas aos problemas sociais e as relações humanas. Assim, injustiças com o povo, desequilíbrio social, política e distorções do caráter e da ética eram temas recorrentes nas fábulas.

Devemos, então, admitir que as fábulas eram histórias já correntes naquela época a que a tendência de aproximar o caráter e as ações humanas do comportamento animal garantida a existência de um sistema de caracteres animais, cada um investido de certa qualidade ou defeito humano: a raposa ardilosa, o cão fiel, o burro tolo, etc. Essa tendência dificilmente poderia ser relacionada apenas a um determinado povo. (VARGAS apud SOUZA, 2004, p. 23)

A partir do animismo, a fábula é usada para denunciar ou mostrar, apontar um defeito ou distorção humana. Animais tornam-se personagens e ganham características humanas como forma de denunciar uma condição ou comportamento social. A etimologia do termo vem de *fabula*, que significa falar ou contar (GOÉS, 1991, p. 144).

A fábula é uma forma literária indireta na exposição de sua expressão, de caráter geralmente crítico, de análise precisa e tradução sintética dos fatos que são tanto objetivos quanto eloquentes para o entendimento. Transmite a crítica ou conhecimento em forma impessoal, sem tocar ou localizar claramente o fato ou a personagem. (GOÉS, 1991, p.144)

Pelo viés moralizante, a fábula tornou-se um texto bastante usual na educação das crianças (CUNHA, 2003). A moral coloca o personagem diante da punição ou da recompensa, cabendo a ele a escolha. Essa escolha mostra as virtudes que representam a ação humana, o que colabora com as propostas pedagógicas utilizadas no ensinamento comportamental das crianças.

De acordo com Cunha (2003, p. 100), as fábulas encontram-se na fase do mito, na qual estão as crianças entre 03 e 08 anos. Nessa fase, o predomínio da fantasia e a dificuldade de estabelecer diferença entre realidade e fantasia, as

aproximam das fábulas. Logicamente, esse é um limite teórico, como aponta a autora, pois cada criança apresenta seus próprios limites.

Na realidade, cada criança tem seus próprios limites, num desenvolvimento peculiar definido por muitos e diferentes fatores. Mais do que conhecer as fases do desenvolvimento infantil, é importante conhecer a criança, sua história, suas experiências e ligações com o livro. (CUNHA, 2003, p. 99-100)

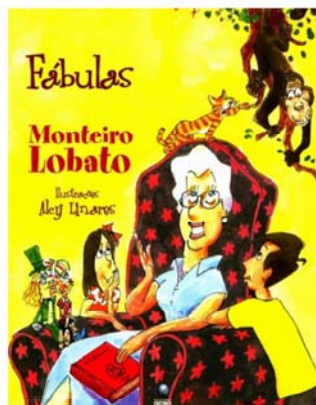
As adaptações das fábulas clássicas feitas por Monteiro Lobato, de certo modo, reconhecem esses limites e fases de desenvolvimento das crianças, pois acrescentam elementos que extrapolam esse universo da “literatura de maravilhas” (CUNHA, 2003, p. 100). Lobato irá então criticar os tipos humanos e seus comportamentos, não somente mostrando as distorções. Haverá um diálogo sobre essas distorções e de que modo elas afetam o *status quo* social da modernidade, no qual os questionamentos perpassam também as reflexões individuais.

É o que vemos, por exemplo, na versão de “O velho, o menino e a mulinha” (em anexo), em que os tipos humanos, por ouvirem demais a opinião alheia, acabam passando por uma situação constrangedora, como trataremos no quarto tópico deste artigo.

#### **4 O VELHO, O MENINO E A MULINHA: UMA APRENDIZAGEM SOCIAL**

O livro “Fábulas”, originalmente publicado em 1923, reúne muitas fábulas conhecidas de Esopo e também de La Fontaine, que foram adaptadas e reescritas para o contexto nacional. Este livro atualiza a linguagem, deixando-a mais acessível às crianças, e inclui os personagens do “Sítio do Picapau Amarelo”, que no decorrer das histórias contadas por Dona Benta, interagem e dialogam sobre pontos importantes dos textos.





LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. São Paulo: Globo, 2011.

A proposta de Monteiro Lobato era de trazer para as crianças uma literatura que causasse uma diferença, entre os caminhos formais dos contos de fadas. Desta maneira ele inseriu em seus reescritos os elementos da cultura popular e aproximou os textos do cotidiano brasileiro. As fábulas, que são textos que já apresentam um ensinamento, ganharam a discussão dos personagens do Sítio, conduzida por Dona Benta. É a imagem da avó, repassando para os netos as histórias universais, imagem muito comum na época em que esses textos foram escritos e que ainda prevalece em muitas famílias brasileiras. Por conseguinte, é também a imagem da contadora de estórias, característica da cultura popular.

Outra característica da fábula lobatiana é promover a discussão da moral. Após a contação de Dona Benta, as crianças, a Emília e o Visconde refletem sobre o significado que o texto quer realmente passar. Em alguns casos, o autor fornece duas versões da situação para mostrar que a natureza humana, representada pelos animais, apresenta dualidades. Em outros, apenas um viés moral é construído e refletido pelos personagens que ouvem as histórias.

Em “O velho, o menino e a mulinha”, fábula que apresenta uma moral social, pois equivale às opiniões e pontos de vista de várias pessoas diferentes acerca de uma certa situação, Lobato constrói uma reflexão sobre a consciência e até que ponto ela deve ser seguida em detrimento da opinião alheia. Diferentemente da maioria das fábulas contidas na coletânea supracitada, nesta o animal não exprime em palavras e caracterização as questões humanas, mas é o centro dos questionamentos.

A fábula tem como mote uma mulinha que o velho pai e seu filho precisam levar à cidade para vender. Depois de escova-la e prepara-la para a venda, o menino e o pai seguem pela estrada até seu destino.

- Vá ao pasto, pegue a bestinha ruana e apronte-se para irmos à cidade, que quero vendê-la.

O menino foi e trouxe a mula. Passou-lhe a raspadeira, escovou-a e partiram os dois a pé, puxando-a pelo cabresto. Queriam que ela chegasse descansada para melhor impressionar os compradores. (LOBATO, 2011, p.21).

Um viajante, porém, ao ver que o animal segue sem carga, questiona o fato de o velho senhor ir à pé, quando poderia poupar forças, montando no animal. O pai, então, segue o conselho do viajante e sobe na mulinha, seguindo viagem.

- Esta é boa! – exclamou um viajante ao avista-los. – O animal vazio e o pobre velho a pé! Que despropósito! Será promessa, penitencia ou caduquice?...

E lá se foi, a rir.

O velho achou que o viajante tinha razão e ordenou ao menino:

- Puxa a mula, meu filho. Eu vou montando e assim tapo a boca do mundo. (LOBATO, 2011, p. 21)

Mais adiante, as lavadeiras indignaram-se ao ver o velho montado no animal e o filho, ainda tão pequeno, a pé. Comentaram que havia pais muito malvados neste mundo e o velho pediu ao filho que subisse na garupa.

- Que graça! – exclamaram elas. – O marmanjão montando com todo sossego e o pobre menino a pé.... Há cada pai malvado por este mundo de Cristo... Credo! ...

O velho danou e, sem dizer palavra, fez sinal ao filho para que subisse à garupa.

- Quero só ver o que dizem agora... (LOBATO, 2011, p. 21).

Na metade do caminho, encontram o estafeta do correio e ele comenta que os dois estavam sobrecarregando o animal e, mesmo assim, ainda achavam que alguém compraria uma mula cansada. Suspeitando que estavam judiando do animal, o velho desceu e deixou o filho ir montado na mulinha, já que era mais leve.

- Que idiotas! Querem vender o animal e montam os dois de uma vez... Assim, meu velho, o que chega à cidade não é mais a mulinha; é a sombra da mulinha...
- Ele tem razão, meu filho, precisamos não judiar do animal. Eu apeio e você, que é levezinho, vai montado. (LOBATO, 2011, p. 21).

No entanto, mais à frente, encontraram um sujeito que debochou dos dois, chamando o menino de príncipe e o velho de laçao. O velho pai, então, muito irritado, disse ao filho que eles carregariam a mulinha nas costas, porque talvez isso contentasse o mundo.

- Bom dia, príncipe!
- Por quê, príncipe? – indagou o menino.
- É boa! Porque só príncipes andam assim de laçao à rédea...
- Lacaio, eu? – esbravejou o velho. – Que desaforo! Desce, desce, meu filho, e carreguemos o burro às costas. Talvez isso contente o mundo... (LOBATO, 2011, p. 21).

Mas, não foi o que aconteceu, pois um grupo de rapazes, ao ver aquela cena, perguntavam qual dos três era o mais burro. O velho pai decidiu, assim, que não faria mais o que contentasse todo o mundo, que a partir daquele momento seguiria sua própria consciência.

- Hu! Hu! Olha a trempe de três burros, dois de dois pés e um de quatro! Resta saber qual dos três é o mais burro...
- Sou eu! – replicou o velho, arriando a carga. – Sou eu, porque venho há uma hora fazendo não o que quero, mas o que quer o mundo. Daqui em diante, porém, farei o que me manda a consciência, pouco me importando que o mundo concorde ou não. Já vi que morre doido quem procura contentar toda gente... (LOBATO, 2011, p. 22).

A fábula mostra que, por seguir a opinião das outras pessoas, o velho pai acaba por perder a razão que deve existir nas ações e atitudes. Fazendo o que todos querem, ele esquece de suas próprias vontades e, sobretudo, da própria consciência do que é certo e errado, coerente e incoerente. Não seguindo o bom senso, o pai se coloca no lugar do próprio animal, chegando à carrega-lo nas costas, juntamente com o filho.

O fundo moral que remete à própria consciência e à perda da razão nos lembra que, socialmente, é preciso que equilibremos as nossas ações, que tenhamos a possibilidade de decidir o que é preciso fazer, que atitude é mais

coerente em determinada situação. Como todas as críticas feitas no caminho para a cidade chegaram ao pai envoltas por muita ironia e deboche, ele sentiu que as pessoas que assistiam àquela situação poderiam ter razão e fez exatamente o que elas queriam. Ao perceber que ele estava deixando de lado a própria consciência de suas ações, decide não mais contentar as pessoas: “Já vi que morre doido quem procura contentar toda gente...” (LOBATO, 2011, p. 22)

Ao término da história, Dona Benta concorda com a moral levantada pela fábula, chamando as crianças e demais personagens do Sítio para refletirem sobre ela:

Isto é bem certo – disse Dona Benta. – Quem quer contentar todo mundo não contenta ninguém. Sobre todas as coisas há sempre opiniões contrárias. Um acha que é assim, outro acha que é assado. (LOBATO, 2011, p. 22).

Narizinho a questiona do que deve ser feito, neste caso, quando as opiniões das pessoas sobre um determinado assunto são contrárias e Dona Benta, então, explica a ela que:

- Devemos fazer o que nos parece mais certo, mais justo, mais conveniente. E para nos guiar temos a nossa razão e a nossa consciência. Aquela fita que vimos no cinema da cidade tem um título muito sábio. (LOBATO, 2011, p. 23).

Nessa passagem, vemos que além de explicar à neta o que são a razão e a consciência, Dona Benta ainda dá um exemplo citando o filme a que eles haviam assistido no cinema da cidade. O filme mostrava bem essa mensagem, através de um verso de Shakespeare: “E isto acima de tudo: sê fiel a ti mesmo” (LOBATO, 2011, p. 23).

A fábula finaliza com um comentário de Pedrinho, também concordando com a moral levantada pela história e a explicação de Dona Benta: “- Lindo, vovó! – exclamou Pedrinho entusiasmado. – E vou adotar esse verso como lema da minha vida. Quero ser fiel a mim mesmo” (LOBATO, 2011, p. 23).

É pertinente observar que o diálogo entre os personagens do Sítio sobre a moral não importa pela moral em si, mas pela conversa, pela interação e conscientização a respeito da história ouvida, o que leva a uma aprendizagem.

Nas fábulas clássicas, a importância da moral já não suplantava a construção da narrativa, pois ambas eram complementares, assim como afirma Oliveira:

Apesar da importância visível da moral, não podemos dizer que seja mais importante do que a narrativa. Ambas – narrativa e moral – são faces da mesma moeda. Na construção dos sentidos do enunciado fabulístico, narrativa e moral se combinam, aliam-se estabelecendo sua função enunciativa que será recuperada consoante uma dada época, um dado contexto sócio-histórico-ideológico, por um leitor também ideologicamente marcado. (OLIVEIRA, 2011, p. 46).

O diferencial entre a fábula clássica e a lobatiana, nesse aspecto, é exatamente a maneira como o enunciado é oferecido ao leitor. Segundo Zilberman (2014, p. 21), quando as “Fábulas” foram publicadas em 1923, auge do Modernismo no Brasil, a expressão, o discurso e a voz social eram características desse período e dessa tendência literária, e o público infantil não ficou de fora. É por isso que parte significativa das fábulas lobatianas contém essas características.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao término de nosso trabalho, vemos como o texto literário é importante na formação da criança e do jovem. Ele mostra, de forma artística, lúdica e conscientizadora, assuntos de nosso cotidiano que proporcionam o diálogo social e cultural, seja na escola ou fora dela.

Antonio Candido (2004, p. 67), ao explicar a condição humanizadora da literatura, afirma que ela “desenvolve em nós a quota da humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. Assim, ao dialogarmos sobre o texto, compreendemos melhor o mundo de possibilidades e criticidades que nos cerca.

Nessa perspectiva, observamos como a leitura da fábula pode ser positiva em sala de aula, nas rodas de leitura e nas atividades que promovem a interação. Através dela, a criança e o jovem encontram situações de questionamento e reflexão, geralmente se posicionando sobre o texto e seu significado. Vimos que a fábula lobatiana proporciona o diálogo, pois os próprios personagens do Sítio do

Picapau Amarelo conversam sobre a história que ouvem. Ao perceberem essa conversa entre os personagens, as crianças se sentem confiantes para também conversarem e opinarem sobre a história que leram. Esse é o diferencial do texto lobatiano, provocar uma reflexão.

Analisamos a fábula “O velho, o menino e a mulinha” como aprendizagem social, uma vez que o texto mostra as contradições das opiniões e o que pode acontecer se o bom senso não for utilizado sobre elas. Essa fábula, uma daquelas contidas na coletânea “Fábulas”, originalmente publicada em 1923, apresenta a característica de observar a razão e a consciência, tornando-as o principal assunto do texto. A fábula mostra, principalmente, que a partir do momento em que se perde a consciência dos próprios atos, ouvindo as críticas e as opiniões contraditórias de várias pessoas, o controle da racionalidade fica comprometido.

Por fim, nós também concordamos com a decisão do velho pai da fábula “O velho, o menino e a mulinha” e com os personagens do Sítio. Devemos sim seguir a nossa razão, a nossa consciência e sermos fiéis a nós mesmos e não às opiniões alheias se porventura forem desumanas e levianas.

## REFERÊNCIAS

- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil?** São Paulo: Brasilense, 2006
- CANDIDO, Antônio. O direito à Literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 2003.
- GÓES, Lucia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1991.
- LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. São Paulo: Globo, 2011.
- OLIVEIRA, Maria Angélica de. **Caminhos da fabula: literatura, discurso e poder**. Campina Grande: Bagagem, 2011.
- SOUZA, Loide Nascimento de. **O processo estético de reescrita das fábulas por Monteiro Lobato**. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis. UNESO, 2004.
- ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

## ANEXOS

Fábulas

## O velho, o menino e a mulinha



O velho chamou o filho e disse:

– Vá ao pasto, pegue a bestinha ruana e apronte-se para irmos à cidade, que quero vendê-la.

O menino foi e trouxe a mula. Passou-lhe a raspadeira, escovou-a e partiram os dois a pé, puxando-a pelo cabresto. Queriam que ela chegasse descansada para melhor impressionar os compradores.

De repente:

– Esta é boa! – exclamou um viajante ao avistá-los. – O animal vazio e o pobre velho a pé! Que despropósito! Será promessa, penitência ou caduquice?...

E lá se foi, a rir.

O velho achou que o viajante tinha razão e ordenou ao menino:

– Puxa a mula, meu filho. Eu vou montado e assim tapo a boca do mundo.

Tapar a boca do mundo, que bobagem! O velho compreendeu isso logo adiante, ao passar por um bando de lavadeiras ocupadas em bater roupa num córrego.

– Que graça! – exclamaram elas. – O marmanjão montado com todo o sossego e o pobre menino a pé... Há cada pai malvado por este mundo de Cristo... Credo!...

O velho danou e, sem dizer palavra, fez sinal ao filho para que subisse à garupa.

– Quero só ver o que dizem agora...

Viu logo. O Izé Biriba, estafeta do correio, cruzou com eles e exclamou:

– Que idiotas! Querem vender o animal e montam os dois de uma vez... Assim, meu velho, o que chega à cidade não é mais a mulinha; é a sombra da mulinha...

Monteiro Lobato



- Ele tem razão, meu filho, precisamos não judiar do animal. Eu apeio e você, que é levezinho, vai montado.

Assim fizeram, e caminharam em paz um quilômetro, até o encontro de um sujeito que tirou o chapéu e saudou o pequeno respeitosamente.

- Bom dia, príncipe!

- Por quê, príncipe? - indagou o menino.

- É boa! Porque só príncipes andam assim de lacaio à rédea...

- Lacaio, eu? - esbravejou o velho. - Que desaforo! Desce, desce, meu filho, e carreguemos o burro às costas. Talvez isto contente o mundo...

Nem assim. Um grupo de rapazes, vendo a estranha cavalgada, acudiu em tumulto, com vaias:

- Hu! Hu! Olha a trempe de três burros, dois de dois pés e um de quatro! Resta saber qual dos três é o mais burro...

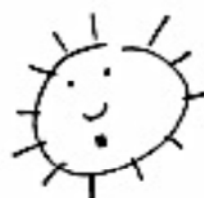
- Sou eu! - replicou o velho, arriando a carga. - Sou eu, porque venho há uma hora fazendo não o que quero, mas o que quer o mundo. Daqui em diante, porém, farei o que me manda a consciência, pouco me importando que o mundo concorde ou não. Já vi que morre doido quem procura contentar toda gente...

- Isto é bem certo - disse Dona Benta. - Quem quer contentar todo mundo não contenta ninguém. Sobre todas as coisas há sempre opiniões contrárias. Um acha que é assim, outro acha que é assado.

- E como então a gente deve fazer? - perguntou a menina.



## Fábulas



- Devemos fazer o que nos parece mais certo, mais justo, mais conveniente. E para nos guiar temos a nossa razão e a nossa consciência. Aquela fita que vimos no cinema da cidade tem um título muito sábio.

- Qual, vovó?

- E isto acima de tudo...

- Não estou entendendo...

- Esse título é a primeira parte de um verso de Shakespeare: "E isto acima de tudo: sé fiel a ti mesmo". Bonito, não?

- Lindo, vovó! - exclamou Pedrinho entusiasmado. - E vou adotar esse verso como lema da minha vida. Quero ser fiel a mim mesmo - e o mundo que se fomete...

